

Rute Andrade Castro

ENTRE A AVENTURA E O PRECONCEITO

TRABALHADORES SOB A
MIRA BRITÂNICA



Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Adriana Marmori Lima
Reitora

Dayse Lago de Miranda
Vice-Reitora



Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Diretora

Sandra Regina Soares

Conselho Editorial

Titulares

Cláudio Alves de Amorim
Maristela Casé Costa Cunha
Rudval Souza da Silva
Reginaldo Conceição Cerqueira
Nilson Roberto da Silva Gimenes
Lícia Maria de Lima Barbosa
Agripino Souza Coelho
Alan da Silva Sampaio
Cesar Costa Vitorino
Rosemary Lapa de Oliveira
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira
Elizeu Clementino de Souza
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios
Simone Leal Souza Coité

Suplentes

Marluce Alves dos Santos
Natan Silva Pereira
Mônica Beltrame
Marcos Antonio Vanderlei
(sem suplente)
Carmélia Aparecida Silva Miranda
Jussara Fraga Portugal
José Ricardo Moreno Pinho
Leticia Telles Cruz
Baktalaia de Lis Andrade Leal
Neila Maria Oliveira Santana
Minervina Joseli Espínola Reis
Marilde Queiroz Guedes
Ana Lúcia Gomes da Silva

Rute Andrade Castro

ENTRE A AVENTURA E O PRECONCEITO

*trabalhadores sob a
mira britânica*

Salvador
EDUNEB
2022

© 2022 Autora

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica,
resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional.
Impresso no Brasil em 2022.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Capa e Diagramação

Henrique Rehem Eça

Revisão Textual e Normalização

Tikinet Edição

Revisão de Prova

Julinara Silva Vieira Moitinho

Revisão de Diagramação de Prova

Rodrigo C. Yamashita

FICHA CATALOGráfICA

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Castro, Rute Andrade

Entre a aventura e o preconceito: trabalhadores sob a mira britânica/ Rute Andrade
Castro. – Salvador: EDUNEB, 2022.

369 p.: il.

ISBN

1. Trabalhadores - Brasil. 2. Britânicos. 3. Preconceito. I. Título.

CDD: 305.562

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula
41150-000 – Salvador – BA
editora@listas.uneb.br
www.uneb.br

*Dedicado a
Hildinê e Mônica Andrade Castro*

*You used to say that adversity was a test of character.
That even common people can handle the chance
circumstances of their lives.
That when the sea is calm all boats float equally well.
That when fate strikes you hardest,
you must have the skill of a nobleman to endure your
wounds with dignit.*

Shakespeare, Coriolanus

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13
OS BRITÂNICOS E OS TRABALHADORES BRASILEIROS	25
BACKWOODSMEN	27
OS TRABALHADORES DO INTERIOR DO BRASIL	45
VIDAS DESPERDIÇADAS NUMA PREGUIÇA ENDÊMICA	59
OS INDOLENTES	76
SOLUÇÕES NACIONAIS PÓS ABOLIÇÃO: INDÍGENAS E RETIRANTES	95
BRASILEIROS TEMEROSOS × BRITÂNICOS DESTEMIDOS	104
DE “BRABO” A VÍTIMA	115
OS RETIRANTES	120
A ABOLIÇÃO VEM AÍ, E AGORA!?	129
PROMOÇÃO DA IMIGRAÇÃO ESTRANGEIRA	155
OS <i>COOLIES</i> COMO UMA POSSIBILIDADE	156
IMIGRAÇÃO EUROPEIA	173

TRABALHADORES BRITÂNICOS NO BRASIL	193
FRUSTRAÇÕES	204
HÉRCULES ENCONTROU A HIDRA NOS TRÓPICOS	225
BÊBADOS E ARRUACEIROS	241
QUANDO A CONVIVÊNCIA TERMINAVA EM MORTE	257
VINGANÇA A SANGUE FRIO	258
SÁBADO É DIA DE FEIRA, BEBEDEIRA E ACERTOS	273
UM “CASO INOPORTUNO”	288
MAÇONARIA E MISTÉRIO	299
O BRASIL NO CONTEXTO DO IMPÉRIO BRITÂNICO	313
O IMPÉRIO INFORMAL	329
CONCLUSÃO	357
FONTES PRIMÁRIAS	361
REFERÊNCIAS	365

PREFÁCIO

Antonio Luigi Negro

Docente do Departamento de História da UFBA e
pesquisador CNPq

Resultante de pesquisa feita para o doutorado na Universidade Federal da Bahia, este livro da historiadora Rute Castro é fruto de aventura e força heroica, e de total entrega à pesquisa e à redação da tese, defendida num dia muito bonito – celebrativo.

Muito mais do que era para ser, a pandemia da Covid foi severa com o povo brasileiro e levou gente querida embora. Rute teve força e lutou. Felizmente, ela agora publica este belo livro, *Entre a aventura e o preconceito: trabalhadores sob a mira britânica*.

Em que pese toda crítica feita ao eurocentrismo do ensino da História, Rute Castroperseguiu o objetivo de escrever um livro de História da Europa, porque essa é a sua área disciplinar na Universidade do Estado da Bahia, onde é docente. Ao correr atrás, ela de novo mostrou que tem fibra para agarrar oportunidades: viajou a Buenos Aires para uma oficina de verão em História e fez pesquisa no National Archives em Londres e no Arquivo Edgard Leuenroth em Campinas. Jogou-se também no aprendizado do inglês e – corajosa – se lança lá nos congressos do Exterior, a fim de apresentar os resultados da pesquisa. Será que nas ilhas do Brexit haverá ouvidos para uma baiana que se põe a falar dos britânicos?

O resultado é esta obra: sobre os britânicos e os mundos do trabalho no Brasil. Traz o olhar dos “ingleses”; traz os trabalhadores britânicos no Brasil; e traz também a experiência dos britânicos – em viagem, ou a trabalho – com os trabalhadores brasileiros. Houve um que até se enfeitiçou com o corpo de um moço, parece...

Os britânicos que Rute analisa no livro eram agentes daquilo que, erroneamente, se chama de “modernidade”. Eles vinham para cá interessados em fazer dinheiro, mas a isso chamavam de progresso. Um deles era nominado de engenheiro, porém a autora o surpreende como feitor, pois era assim que se portava diante dos trabalhadores, sujeitos ativos da sua própria História.

Há, ainda, o horror que os britânicos sentiam do sertão e seus habitantes, denotando preconceito, além de estranhamento. O problema deles era quase o mesmo da elite brasileira: o de considerarem homens e mulheres pretos e pardos – a população afro-indígena – imprestáveis para os assim chamados “desenvolvimento econômico” ou “progresso civilizacional”. Quem tiver a sorte de ler este livro, vai se confrontar com as (suas próprias) imagens sobre “idiotia” ou “atraso”.

Ao ler, ficou claro para mim que, mesmo na pobreza, quem tinha acesso à terra (roça, água, criação, recursos naturais) dispunha de comida de verdade para matar a fome e a sede. Isso podia ser preferível a só estar “no mercado”, exclusivamente, e ter que vender trabalho para daí comer e beber, e era muito melhor do que ter que trabalhar quase de graça para sobreviver. Se estas são as opções, a escolha não é difícil. O difícil era os britânicos demoverem os de baixo de suas próprias escolhas. Apesar de serem instruídos e “civilizados”, o seu poder de sedução ou convencimento não era irresistível. Sem precisar de instrução, os de baixo, na sua experiência, percebiam a assimetria das relações de gênero, raça e classe trazida

na bagagem pelos estrangeiros. Não por acaso, os de baixo eram uma raça perambulante, que sumia das vistas quando se precisava de seu trabalho, de sua ajuda, de sua presença. Tudo isso pode nos levar a pensar num “classismo estrutural” correndo junto com o racismo estrutural. E nos pode levar à pergunta acerca da serventia de uma elite que não vê o valor da classe trabalhadora.

Estudando, ensinando e escrevendo a História da Europa, Rute Castro localiza e analisa os mundos do trabalho no radar do imperialismo informal do império onde o sol nunca se punha. Seu livro reflete a sofisticada ambição intelectual de uma Historiadora – todinha ela – instruída e formada na universidade pública da Bahia, estadual ou federal. Daqui deste prefácio, atei fogo aos meus sentimentos e assopro desejo de ventura para esta obra tão boa. Que a energia do Brasil afro-indígena o guie!

Professora de jovens e adultos (EJA) da rede municipal de ensino, a autora deste livro lidou com os problemas vezeiros de quem encara a pós-graduação na Bahia e no Brasil. Tem sempre a dificuldade de obter licença no trabalho para estudar, pesquisar e escrever. Tem também a frustração de solicitar apoio ao CNPq e não obter. Não é moleza não. Ficam aqui os agradecimentos à Courtney Campbell, da Universidade Birmingham, que, sem hesitar, deu todo apoio ao pedido.

A vitalidade e inteligência sertanejas de Rute Castro estão aqui, nestas páginas boas de ler. É mais um vistoso fruto da História Social, pendurado maduro na Árvore da Liberdade. Agora é saborear o livro!

INTRODUÇÃO

Os britânicos que vieram para o Brasil no século XIX construíram uma relação com a população local que oscilava entre a excitação de quem se aventurava e o preconceito de quem se julgava, cultural e racialmente, superior. Eram os Gulliver da vida real, pois se aproximavam bastante desse conhecido personagem do irlandês Jonathan Swift ([1726]), que escreveu um clássico da literatura britânica no século XVIII, *As viagens de Gulliver*. Esse escritor imaginou regiões habitadas por gigantes, ou por homens minúsculos, ou até mesmo por seres cuja classificação estaria a meio caminho entre a espécie humana e a família dos equídeos, ilhas voadoras etc. Tudo isso e muito mais alimentava a imaginação dos jovens britânicos do século XIX que o liam.

Alguns deles, já homens, explorariam muitas regiões distantes de sua terra natal e, neste fazer, acabariam apresentando um perfil similar ao de Gulliver. O que lhes movia era também um forte espírito aventureiro e, não raras vezes, se viram ao sabor do acaso e das intempéries da vida. É possível ainda compará-los através do seu viés etnocêntrico: o outro era sempre visto como pitoresco, exótico ou animalesco e, para tanto, pouco importava se eram mestiços de humanos e equídeos, como na imaginação de Swift, ou se eram populações não brancas vivendo de acordo com sua própria cultura, como muitos com os quais se depararam no Brasil. Esse perfil, tanto na narrativa de Swift quanto na dos britânicos viajantes do século XIX, vai sendo traçado enquanto são contadas as experiências vividas ao

longo da estadia longe da terra natal, relatando aos conterrâneos o quão absurda era a vida fora da Europa.

De fato, ao longo do século XIX, muitos britânicos vieram para o Brasil em busca de oportunidades e aventuras. Com esse objetivo, permaneceram no país por meses, anos, décadas ou todo o restante de suas vidas. Alguns se deram ao trabalho de, como o personagem dos contos de Swift, analisar os costumes e modos de viver locais, num exercício constante de alteridade. Ao retornarem para a Grã-Bretanha, algumas dessas impressões foram eternizadas com a publicação de livros, relatos e outros textos, nos quais registraram aspectos que julgaram importantes sobre sua vinda para o Brasil e sobre os brasileiros. Eles, naturalmente, não encontraram nada perto daquilo com o que Gulliver se deparou, mas sim pessoas comuns que viviam de uma maneira diferente da qual estavam habituados e, por isso, estavam sob a mira de seus preconceitos.

Este livro é fruto de uma pesquisa que buscou compreender como esses britânicos viram e viveram os mundos do trabalho no Brasil do século XIX, apelidado por Freire (1942) como o século britânico do Brasil, bem como porque eles se sentiam tão à vontade para transitarem e opinarem a respeito de uma realidade bem diferente e distante da sua. Tais inquietações originaram uma tese de doutorado, de cujos desdobramentos e amadurecimentos parte o livro que aqui se apresenta (CASTRO, 2020).

A história do Brasil não pode ser vista como um caso isolado, haja vista que, desde os tempos em que foi colônia de Portugal, já estava inserido num complexo mundial. Seu processo de independência não esteve, tampouco, relacionado apenas a questões internas, pois teve início em 1808, com a vinda da família real portuguesa, em fuga devido à invasão napoleônica em Portugal resultante

ENTRE A AVENTURA E O PRECONCEITO

trabalhadores sob a mira britânica

da sua aliança com a Inglaterra, então inimiga da França. As guerras pela independência e as costuras para o reconhecimento do Brasil também tiveram forte participação estrangeira.

Adentrando cada vez mais o século XIX, o país foi se construindo sempre atrelado ao capitalismo mundial, tanto no que dizia respeito a questões econômicas propriamente ditas, quanto ligadas aos seus mundos do trabalho. As elites brasileiras optaram por um projeto de independência que mantinha a escravidão, tema de acirrados debates internacionais protagonizados pela Inglaterra. Os mundos do trabalho no Brasil do século XIX, entretanto, guardavam uma complexidade ainda maior, uma vez que eram formados também por libertos, livres e estrangeiros que conviviam com a instituição da escravidão.

Assim, partindo do ponto de vista de estrangeiros que percebiam o Brasil como parte desse mundo globalizado e ofereceram nuances importantes para a compreensão do país, este livro se inscreve nos esforços da historiografia das últimas décadas, no sentido de impedir que as análises sobre os mundos do trabalho caiam na falaciosa dicotomia entre escravizados x libertos e livres, como se tudo isso não fizesse parte de uma mesma conjuntura. Pelo menos, desde a década de 1870, já era possível perceber estas imbricações na documentação produzida pelos britânicos. A questão, na verdade, não era a simples dicotomia entre livres e cativos, mas a ideia de que os livres e libertos não seriam úteis para continuarem sustentando a economia agroexportadora brasileira, como os escravizados eram obrigados a fazer. Desse modo, esta obra segue mostrando as opiniões dos britânicos acerca desses trabalhadores, na tentativa de explicarem por que o desastre no Brasil era certo, e se chamava abolição.

A maioria dos relatos britânicos sobre o Brasil que foram localizados nesta pesquisa eram de engenheiros porque, sobretudo

na segunda metade do século XIX, as ferrovias, sob protagonismo britânico, se espalharam pelo mundo e um significativo contingente desses profissionais se aventurou em terra estrangeira. Alguns deles acabaram produzindo textos que hoje nos servem de fontes para perceber como viram e viveram no Brasil. James Wells teve uma longa estadia no país, entre 1869 e 1886, quando percorreu centenas de quilômetros pelos lugares mais recônditos. Fez isso como contratado da Public Works Construction Company e compondo um grupo de engenheiros que foram enviados de Londres ao Brasil para construir o trecho final da estrada de ferro D. Pedro II. Outro engenheiro, Charles Dent, apesar de ter passado apenas um ano no Brasil (1883), escreveu um relato bastante rico sobre os trabalhadores que conheceu e com os quais lidou enquanto dedicava-se aos estudos de terrenos para construção da estrada de ferro Central Minas. Thomas P. Big-Wither também esteve envolvido no processo de construção de ferrovias, e é o único dentre os estrangeiros autores que dá conta da região sul do país, onde esteve entre 1872 e 1873.

Ao descreverem a natureza de determinada localidade, ou uma pequena vila com seus habitantes, muitos desses relatos de viagem acabaram fornecendo ricos materiais etnográficos. Tais publicações se multiplicaram nesse período porque, no século XIX, a literatura de viagem era extremamente popular na Europa. Os autores, através de suas experiências, saciavam a curiosidade daqueles que não desejavam sair de seus confortáveis sofás ou bibliotecas. Esse gênero literário teria surgido, então, para suprir culturalmente as classes médias europeias e norte-americanas e, por outro lado, construiria um discurso a respeito da necessidade da intervenção do homem branco nesses territórios ocupados por povos selvagens ou considerados, num estágio civilizacional, inferior aos brancos europeus

ENTRE A AVENTURA E O PRECONCEITO

trabalhadores sob a mira britânica

(PRATT, 1992). Eles apresentavam o mundo não europeu ao público europeu, e o ofereciam impunemente para análises e julgamentos que serviam “para satisfazer seu gosto pelo exótico” (SAID, 2011, p. 18).

A expressão “relato de viagem” refere-se a um campo da literatura que normalmente é usada para uma narrativa pessoal contando as experiências e narrando as descobertas sobre o desconhecido, geralmente regiões longínquas e pouco conhecidas, onde a alteridade dá o tom da narrativa. Outro traço marcante é a curiosidade em relação ao que é visto e uma postura de quem se percebe superior ao que, ou a quem, observa e descreve. Em todos os relatos aqui analisados tais elementos se fazem presentes, sobretudo, o sentimento de superioridade que, em maior ou menor grau, os autores deram mostras. Esses relatos britânicos salientaram aspectos que seriam distintivos do Brasil em relação à Inglaterra, sempre com ampla vantagem para esta última.

Pratt chamou essa altivez, ou arrogância, de “olhar do Império”, que era a forma como, independentemente de gênero ou origem (ingleses, escoceses e irlandeses),¹ os britânicos viam “o outro”. Segundo ela, quando viajavam aos locais dominados pelo Império, geralmente os consideravam atrasados em relação ao seu referencial. Estavam atentos a todas as características que destoassem de seus padrões e, diante das comparações que faziam, a sociedade local saía frequentemente em desvantagem (PRATT, 1992).

Ao lado dos relatos de viagem, dão base às discussões presentes neste livro uma vasta documentação consular, guardada pela

¹ Quando se diz “britânicos”, na verdade está-se referindo a uma origem geográfica que inclui todos os habitantes da Grã-Bretanha. Nesta pesquisa não foi feita distinção específica entre ingleses, escoceses e irlandeses porque a documentação consultada não ofereceu elementos para proceder a este tipo de especificação.

Secretaria de Assuntos Estrangeiros da Inglaterra (Foreign Office) e pelo periódico *The Anglo Brazilian Times*, editado por William Scully.²

Essas fontes da pesquisa no idioma inglês do século XIX contêm expressões e construções frasais que não seriam compreensíveis para o leitor do século XXI, que domina esse idioma, por essa razão, as citações na língua original não serão colocadas em nota de rodapé.³

Os registros de diversos tipos, cujo ponto em comum é o fato de terem sido produzidos por britânicos que viveram no Brasil do século XIX, tratavam de muitos assuntos, e iam da descrição de um simples besouro tropical à política internacional. Existe, entretanto, um tema que parecia inquietá-los, em especial no final deste século, a saber, os mundos do trabalho. Desse modo, este livro problematiza as diferentes acepções dos britânicos quanto a esses mundos do trabalho, focando em regiões fora dos grandes centros urbanos ou monocultores, ou seja, descortinando os recônditos do nosso país, enfim, regiões em grande medida desconhecidas do grande público, povoada sobretudo por trabalhadores livres e libertos.

Eles perceberam que a abolição da escravatura era uma questão de tempo,⁴ e julgavam evidente que isso levaria o Brasil à ruína. Para fundamentar seus pontos de vista, dedicaram páginas e mais páginas a avaliar – e reprovar – os trabalhadores livres e libertos.

² Scully iniciou sua carreira no Rio de Janeiro como professor, onde se casou e passou a trabalhar como agente marítimo para linhas britânicas.. Além do *Times*, publicou “Brazil: it’s provinces and Chief Cities”. Morreu em 14 de fevereiro de 1885 (BYRNE; COLEMAN; KING, 1972).

³ Contamos com a valiosa colaboração, para traduzir essa documentação, das profissionais norte-americanas: Anna Carlton Browne Carvalho – professora mestre em TESOL (Teaching English for Speakers of Other Languages) – e Wynne Woodward Browne, bibliotecária que atuou por vários anos na Downs Rachlin Martin Library e na Downs Rachlin Martin Law Firm – Vermont, EUA. Meus sinceros agradecimentos!

⁴ De fato, a Lei Áurea foi assinada em 13 de maio de 1888, apenas alguns anos depois da publicação dos relatos de viagem analisados nesta pesquisa.

ENTRE A AVENTURA E O PRECONCEITO

trabalhadores sob a mira britânica

Miravam em sua direção com a acusação implícita ou explícita de que só trabalhavam quando eram obrigados – pela fome ou pelo cativo. Desse modo, se não fosse a escravidão, quem sustentaria o país? Como os mundos do trabalho no Brasil deveriam ser reestruturados para diminuir os danos advindos do enfraquecimento da instituição servil? Quando a abolição deveria, ou poderia, ocorrer? Como os trabalhadores livres e libertos deveriam ser “aproveitados”? Estaria a solução em trabalhadores estrangeiros?

Os britânicos escreveram sobre aquilo que, independentemente de hoje ser tido como verdade ou não, opinião fundamentada ou sem sentido, visão preconceituosa ou respeitosa, não importa, era a verdade deles naquela época, e isso acabou contribuindo para a maneira como nós mesmos vemos os nossos mundos do trabalho e a relação entre trabalho livre e cativo, escravidão e liberdade. Esta pesquisa encontra-se com o conceito de representações formulado por Chartier (2002), na medida em que visa colocar a forma como os mundos do trabalho no Brasil foram apresentados e difundidos a partir de determinadas ideias, sendo ao mesmo tempo influenciadas e influenciadoras dos imaginários coletivos do final do século XIX, num movimento de retroalimentação.

Os europeus que escreveram a respeito dos mundos do trabalho no Brasil daquele período tinham o poder discursivo, já que boa parte dos trabalhadores com os quais tiveram contato, se não eram iletrados, pelo menos não eram exatamente pessoas capazes de publicar suas conjecturas e experiências de vida. Quando Chartier (1998) coloca que esse é um campo em disputa, é possível ponderar que esses europeus estavam, na verdade, impondo seus padrões culturais sobre aquelas populações locais, e se colocando numa posição de autoridade frente aos trabalhadores brasileiros, não apenas

porque chegaram a chefiar alguns ao contratá-los para suas empreitadas, mas porque consideravam-se intelectualmente superiores e capazes de entender as realidades de trabalhadores vistos por eles como, na melhor das hipóteses, simplórios.

Said (2011, p. 21) afirma que parte da produção literária norte-americana e europeia no século XIX reproduzia a ideia de que a Europa seria a fonte de ação e de vida, estando à frente do restante da humanidade. Nesse sentido, os britânicos, julgando-se pertencentes a uma sociedade que estava à frente das demais, numa visão teleológica, também poderiam ensinar como a jovem nação brasileira poderia agir para alcançar seus padrões. Discutindo não apenas a literatura de viagem, mas trabalhando com um leque muito mais amplo, Said assegura que se deve a esta forma de ver o mundo, a vontade que fica, implícita ou explicitamente demonstrada, em alguns desses livros, de “ajudar” no desenvolvimento de um “terceiro mundo retardado mental”. Muitas obras, mesmo posicionando-se contrariamente ao imperialismo, acabaram passando a ideia de que “[...] as regiões distantes do mundo não possuem vida, história ou cultura dignas de menção, nenhuma independência ou identidade dignas de representação sem o ocidente.” (SAID, 2011, p. 21).

Esse monopólio discursivo acabou, em certa medida, sendo muito forte no que diz respeito aos mundos do trabalho, não apenas por conta da iminência da abolição no Brasil, como também por causa das novas concepções sobre o próprio conceito de trabalho na Inglaterra. Thompson (2012) discute o quanto o modo de vida dos trabalhadores estava sendo moldado de acordo com os padrões da Revolução Industrial, e isso entrava em choque com as formas através das quais aquelas pessoas do final do século XVIII e início do XIX se relacionavam com as atividades laborais. O que veremos

ENTRE A AVENTURA E O PRECONCEITO

trabalhadores sob a mira britânica

neste livro é uma versão desses conflitos no Brasil, para onde os britânicos trouxeram suas convicções, já transformadas pelas máquinas a vapor e locomotivas, e ainda acrescentaram outros temperos: racismo, etnocentrismo e imperialismo.

As relações que foram estabelecidas entre brasileiros e britânicos no contexto dos mundos do trabalho serão abordadas na sessão “Os britânicos e os trabalhadores brasileiros”. Os engenheiros, sobretudo, precisavam, chegando ao Brasil, contratarem trabalhadores locais para auxiliá-los na execução das tarefas para as quais haviam sido contratados. Esse contato originou relações de alteridade que serão problematizadas, bem como trouxe importantes informações sobre a presença de populações de trabalhadores livres nos mundos do trabalho do Brasil que foram, muitas vezes, ignoradas pela historiografia.

São trazidos à tona sujeitos negros, brancos, mestiços, indígenas, brasileiros, estrangeiros que trabalharam para esses britânicos. Na sessão seguinte, “Vidas desperdiçadas numa preguiça endêmica”, o foco estará naqueles que não se tornaram braços úteis para esses estrangeiros, porém, ainda assim fizeram parte de seu cotidiano no país. Nesse exercício, será abordada a forma através da qual os britânicos demonstravam suas concepções acerca do trabalho e refletiram os discursos raciais do período, que consideravam a mestiçagem daquelas populações um problema, ou melhor, um empecilho ao desenvolvimento do Brasil.⁵

A formação de uma mão de obra ampla e disciplinada, em antecipação à completa libertação dos escravizados, é o foco da sessão “Soluções nacionais pós abolição: indígenas e retirantes”,

⁵ No século XIX, teorias supostamente científicas surgiram para justificar os diferentes desenvolvimentos das sociedades, estabelecendo uma hierarquia entre os seres humanos, cujo ideal seria o branco europeu e o negro estaria no estágio civilizacional mais atrasado.

em que serão trazidos os comentários sobre tais populações e sua arregimentação para o trabalho dentro de uma lógica capitalista. Tal necessidade só se impunha porque eles consideravam a abolição iminente. Em “A abolição vem aí, e agora!?” o foco estará nos posicionamentos desses britânicos em torno das ações necessárias para que fosse evitado o desastre de uma abolição sem o devido preparo dos mundos do trabalho no país.

Assim, em meio às discussões referentes à reorganização dos mundos do trabalho no Brasil daquele final de século XIX, se coloca a sessão “Promoção da imigração estrangeira”, onde serão trabalhadas as conjecturas britânicas em torno da vinda de trabalhadores asiáticos e europeus. Ainda sobre imigração, porém a partir de uma diferente perspectiva, a sessão “Trabalhadores britânicos no Brasil” menciona a vinda de britânicos inseridos nos mundos do trabalho brasileiro, bem como a variedade de funções e posições hierárquicas que ocupavam e sua convivência com os trabalhadores brasileiros, sendo seus vizinhos, colegas, chefes, patrões, mas também seus assassinos ou vítimas.

Em “Hércules encontrou a hidra nos trópicos”, aqueles britânicos que, tendo vindo para trabalhar, acabaram causando tumultos, se envolvendo em brigas, cometendo crimes etc., serão os protagonistas. Na sessão “Quando a convivência terminava em morte” serão trazidos quatro assassinatos envolvendo essa realidade multiétnica e laboral.

A sessão “O Brasil no contexto do império britânico” tem por objetivo elucidar o porquê de os britânicos se sentirem tão à vontade no Brasil, de terem tantos negócios e de imporem suas vontades, opiniões e interesses. A discussão é conduzida no sentido de demonstrar que o Brasil, mesmo politicamente independente,

ENTRE A AVENTURA E O PRECONCEITO

trabalhadores sob a mira britânica

fazia parte do império britânico e estava inserido no seu chamado Império Informal.

Em linhas gerais, o livro coloca em evidência que seus discursos continham particularidades de suas próprias experiências e interesses, mas, ao mesmo tempo, também carregavam um eu coletivo, de modo que, se pobres ou ricos, se cônsules, jornalistas, marinheiros ou empregados, guardavam sempre uma distinção em relação aos da terra. Buscou-se, assim, analisar como eles deixaram transparecer aspectos importantes dos mundos do trabalho naquele momento crucial de construção do Brasil como um país de livres e libertos.